

# António Gedeão – Poemas das flores

Se com flores se fizeram revoluções  
que linda revolução daria este canteiro!

Quando o clarim do Sol toca a matinas  
ei-las que emergem do noturno sono  
e as brandas, tenras hastes se perfilam.  
Estão fardadas de verde clorofila,  
botões vermelhos, faixas amarelas,  
penachos brancos que se balanceiam  
em medidas que a aragem determina  
É do regulamento ser viçoso  
quando a seiva crepita nas nervuras  
e frenética ascende aos altos vértices.

São flores e, como flores, abrem corolas  
na memória dos homens.

Recorda o homem que no berço adormecia,  
epiderme de flor num sorriso de flor,  
e que entre flores correu quando era infante,  
ébrio de cheiros,  
abrindo os olhos grandes como flores.  
Depois, a flor que ela prendeu entre os cabelos,  
rede de borboletas, armadilha de unguentos,  
o amor à flor dos lábios,  
o amor dos lábios desdobrado em flor,  
a flor na emboscada, comprometida e ingênua,  
colaborante e alheia,  
a flor no seu canteiro à espera que a exaltem,  
que em respeito a violem  
e em sagrado a venerem.

Flores estupefacientes, droga dos olhos, vício dos sentidos.

Ai flores, ai flores das verdes hastes!  
A César o que é de César. às flores o que é das flores.

**António Gedeão, Poemas póstumos**